

APRESENTAÇÃO

COMPARAMENTO

*Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau,
folhas secas, penas de urubu
E demais trombolhos.*

*Seria como um percurso de uma palavra antes de
chegar ao poema.*

*As palavras, na viagem para o poema, recebem
nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades.
E demais escorralhas.*

As palavras se sujam de nós na viagem.

*Mas desembarcam no poema escorreitas: como que
filtradas.*

E livre das tripas do nosso espírito.

(Manoel de Barros, Ensaios fotográficos)

Os 12 artigos reunidos neste número da revista *Trabalhos em Linguística Aplicada – TLA* (53.1) refazem à sua maneira as pegadas deixadas ao longo de cada uma de suas travessias, reafirmando, mesmo quando o que pretendem é desvelar, os mistérios da escrita. Em prosa contada ou cantada, as palavras circulam, interagem, entrelaçam-se, metaforizam-se, dizem e calam, falam e falham em fazer ouvir, oferecendo-se à leitura, seja *filtrada* pela v(e)ia poética, seja *viva* na voz do dono que ela, bem ou mal, conduz.

Os estudos da linguagem que chamamos de *Linguística Aplicada* podem ter por medida diversas formas de lidar com a alteridade, com fronteiras sujeitas a redefinições constantes e variando da livre passagem aos muros fortemente patrulhados, mas, acima de tudo, dando lugar a uma linguística que reivindica o múltiplo e se confirma situada, ou, em outra palavra, *Implicada*. A TLA oferece-se como lugar e ocasião propícios para interrogar a aparente harmonia dessa nomeação.

Como traçar caminhos que conduzam a uma educação como ato? *Refazendo tudo*, como na canção que diz *tu me ensina... eu te ensino...* Eis a dialogicidade que recusa o definitivo, o cristalizado, a resposta pronta, e se dispõe à intervenção e à responsabilidade. É essa a proposta de Paula Tatianne Carréra Szundy, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no artigo em que apresenta os resultados do projeto Práticas de Linguagem na Escola Pública (PLIEP). É verdade que a inserção nas práticas letradas é fundamental em todas as áreas do conhecimento, mas é somente porque permanecem *relativamente estáveis* que tais práticas podem levar às experiências vividas, transformadoras e criadoras, postas em diálogos em *Educação como ato responsável: a formação de professores de linguagens à luz da filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin*.

Para Sandoval Nonato Gomes-Santos e Heloisa Gonçalves Jordão, ambos da Universidade de São Paulo (USP), o que está em jogo é a interação em sala de aula, o momento em que o projeto didático é posto à prova. São processos vivos de educação que se mostram nas experiências com parlendas e poemas no artigo *Interação e trabalho docente em aula de alfabetização*. Enquanto o cartaz com as parlendas estimula a participação e a brincadeira, o poema no livro didático termina por desmanchar a roda, e pede uma fila, exigindo da professora, no calor do "Corre cotia na casa da tia / Corre cipó na casa da vó", o que o poeta de "Comparamento" nomeou *didática da invenção*.

O uso cotidiano das tecnologias digitais invade as salas de aula e reacende os debates sobre os novos letramentos e a necessidade de sua implantação. A reflexão de Flávia Danielle Sordi Silva Miranda, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), baseia-se em um estudo de caso construído por meio da análise de dados coletados no *Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo Integrado)*, e que revelam que o enfoque do material está na mudança de postura do professor. Para articular ensino e tecnologia no contexto observado (trabalho de um *blog* com alunos), a autora de *Integração das tecnologias digitais da informação e comunicação em contextos educacionais: análise de três momentos de um curso oficial de formação de professores acentua*

a necessidade de ir além dos procedimentos tecnológicos, considerando a seleção das informações e o posicionamento quanto aos conteúdos publicados.

De 1997 aos dias de hoje, o grupo de *tietes de Connecticut* tem velejado além do infomar de Gilberto Gil. São envios de e-mails, milhares de acessos ao *facebook*, mensagens por celulares, vídeos no *youtube*, e até uma plataforma exclusiva para uso de professores e alunos, o *Glogster (graphical blog)*. No artigo *Letramentos digitais, interdisciplinaridade e aprendizagem de língua inglesa por alunos do ensino médio*, Lucas Moreira dos Anjos-Santos, da Universidade de Monash, Austrália; Raquel Gamero, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Telma Nunes Gimenez, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), discutem os papéis dos recursos tecnológicos no desenvolvimento de projetos interdisciplinares e ensino-aprendizagem de língua inglesa (que incluem alunos de Letras, Física, Meio-Ambiente, Biologia, Artes e História) – no caso, o projeto institucional *Novos Talentos*, financiado pela CAPES – a partir de diferentes abordagens e/ou métodos. Para os autores, nas experiências durante diversos *workshops* – com eixos temáticos diversos –, o desafio e o conseqüente sucesso das atividades deveram-se ao engajamento dos participantes nessas práticas letradas digitais aliadas à aprendizagem da língua inglesa em um contexto programado de imersão interdisciplinar.

Há indícios de que a visão ideológica dos alunos está em consonância com a política linguística da escola para as línguas estrangeiras no Ensino Médio? Essa é a pergunta que o trabalho de Glenda Heller Cáceres, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), se propõe a responder. O artigo *Políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras* vale-se dos conceitos de *governamentalidade* e de ideologia para chamar a atenção do leitor para as dinâmicas de tais políticas: as que partem das autoridades em direção à base, e aquelas que nascem nessa base (que reúne estudantes, professores e gestores educacionais) e revelam suas expectativas irrealizadas. Nesse jogo de poderes, a autora flagra a posição intermediária da escola como passível de deixar-se direcionar, mas também de investigar as formas como esse direcionamento pode ser questionado, de forma a tornar possível uma forma de consonância.

É o reconhecimento de que o trabalho de aprender uma língua adicional implica uma interação inseparável da participação e do pertencimento – *ser daqui, ser de lá* – que Maria de la O López Abeledo, da Universidade Europeia (EU) Lisboa, Melissa Santos Fortes, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Pedro de Moraes Garcez e Margarete Schlatter, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos trazem em *Uma compreensão etnometodológica de aprendizagem e proficiência em língua adicional*. A análise dos dados de entrevistas de proficiência

oral centra-se na busca pela perspectiva dos participantes, que também pode ser observada em exames do Celpe-Bras, aponta para a necessidade de parâmetros de avaliação coerentes com a visão de que o uso da linguagem serve para ação no mundo. Esse tipo de análise permite observar e descrever o trabalho de aprender como o que (re)organiza as relações de pertencimento.

What's in a name? the quest for new metaphors for second language acquisition põe em cena o trabalho metaforizador do teórico da linguagem em busca de verdades capazes de lidar com a contingência das mudanças na fala de quem aprende uma língua, que resiste a adequar-se aos estágios propostos para domá-la. Para Vera Lucia Menezes Oliveira e Paiva, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), várias metáforas têm sido propostas numa sucessão que busca a compreensão dessa aprendizagem, esbarra na complexidade, e converte-se, em acordo com Ortega, na bela imagem de uma *polifonia metafórica*. À questão do personagem shakespeariano "o que há em um nome?", que pode ser lida na clave da cognição, responde o *riocorrente* da linguagem, e as infinitas possibilidades de que na pauta poética, na *lata do poeta*, venha caber o *incabível*.

É preciso corrigir? Quando e como corrigir? Enfim, qual o papel da correção no processo de aquisição de segundas línguas? *Efecto del feedback correctivo directo y metalingüístico en el proceso de escritura de una l2 en el contexto escolar: estudio piloto*, de Jorge Lillo Durán, da Universidad Católica de la Santísima Concepción (UCSC), Chile, apresenta os resultados desse trabalho e sugere que a correção de erros é um meio efetivo de contribuir para um melhor desempenho na escrita em uma segunda língua. Além disso, há consenso entre os estudantes de que o uso do *feedback* – em especial aquele com informação metalinguística – ajuda a diferenciar usos aceitáveis e inaceitáveis, a afinar a precisão gramatical e a diminuir o tempo necessário a cada um para obter um razoável domínio sobre esses erros.

Ensino-aprendizagem: referenciação e progressão textual no ensino superior oferece-nos uma reflexão sobre o PARFOR-Letras, curso de formação de professores de português. O artigo de Antonia Alves Pereira, da Universidade Federal do Pará (UFPA), e de Ingedore Villaça Koch, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), retoma as bases dos PCNs e as dificuldades dos alunos desse curso, cujas produções escritas ficam aquém das desejadas, a despeito das mudanças pelas quais esses programas têm passado. Para as autoras, a maioria dos alunos do PARFOR ainda tem sua formação baseada no ensino de gramática, na escrita por obrigação, desmotivada. Essas dificuldades, contudo, sendo o problema de base a formação que já trazem consigo, só pode ser amenizada, levando os alunos ao conhecimento de suas falhas, de aprendizagem das características do gênero, da leitura e da produção de resenhas, aplicando os conceitos de referenciação e progressão textual.

São diversas as teorias que servem de fundamento teórico ao trabalho de reescrita, ora com destaque para o monitoramento consciente desse processo pelo produtor, ora tomando o processo como produção dialógica constituída pelo indivíduo que escreve e monitora o texto e por um co-enunciador que funciona como leitor. O *(não) funcionamento da reescrita em textos produzidos por licenciandos em letras*, de Elisa Cristina Amorim Ferreira e Denise Lino de Araújo, ambas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), reiteram que diversos estudos reconhecem no funcionamento da reescrita uma etapa de melhoramento do texto. A análise realizada pelas autoras, contudo, revelam dois fatores que podem ou não contribuir para essa melhoria. De um lado, a correção do professor, que tende a favorecer a passividade do aluno; de outro lado, a experiência do licenciando com a escrita, que pode reverter essa passividade, mas vai depender de seu engajamento nessa atividade, fazendo dela menos uma atividade pedagógica e mais uma etapa de fato do processo de escrita.

Com base em depoimentos de professores guarani colaboradores de pesquisa, Carlos Maroto Guerola, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), enfrentou as relações assimétricas de poder, o assédio e a opressão das elites e grupos de interesses contrários às reivindicações das comunidades indígenas, buscando uma noção de direito capaz de dar conta da ambivalência da lei com relação aos direitos humanos e universais desses povos. Em *A reconstrução intercultural dos direitos humanos linguísticos escolares guarani: horizontes sociais e letramento*, o autor clama pelo direito ao letramento, dando voz aos professores da escola Itaty da aldeia guarani do Morro dos Cavalos e denunciando sua "situação de extrema dependência em relação à sociedade dominante, ao estado brasileiro e à economia de mercado neoliberal globalizada". Que os discursos abafados encontrem entre nós leitores ao menos uma disposição à escuta. Que seja sua a *palavra boa* do poeta Chico, uma palavra *de habitar fundo o coração do pensamento*.

Encerrando este volume, o artigo de Angélica Karim Garcia Simão, da Universidade Estadual Paulista (UNESP/SJRP) discute as *Representações e estereótipos sobre a tradução português/espanhol*. Embora seja entendido como uma representação de caráter homogeneizador e redutor, os estereótipos são mobilizados de formas diversas e se distanciam com relação aos objetos de valoração atrelados ao idioma português: no contexto argentino, como trabalho promissor em função do Mercosul, e no contexto espanhol, acentuando a ideia de desenvolvimento e crescimento econômico brasileiro – com destaque também para o estereótipo da facilidade e da proximidade entre os dois idiomas. A análise dos dados permitiu identificar um modo sintático-enunciativo marcado por contornos e contradições, ora valorizando

ora aproximando os objetos avaliados, caracterizando um dizer marcadamente polifônico nas relações entre originais e traduções.

Agradecemos a nossos leitores as críticas e sugestões de publicações ou de temáticas de interesse para pesquisadores em LA e em áreas afins, e desejamos a todos uma boa leitura!

A Comissão Editorial